
RELIGIÃO E MEMÓRIA: AFIRMAÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL DA IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS NO BRASIL

Maxwell Pinheiro Fajardo*

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a relação entre religião e memória na modernidade, tendo como objeto de estudo a Igreja Assembléia de Deus, que em 2011 completou seu primeiro centenário de fundação. Para tanto, discutiremos o conceito de memória coletiva formulado por Halbwachs, quando aplicado ao estudo da memória religiosa na modernidade. Desta forma, pretendemos estudar como as biografias dos fundadores da igreja, os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, publicadas pela editora oficial da denominação, cumpriram a função de estabelecer uma memória oficial da instituição, de modo a contribuir com a consolidação da identidade do grupo em meio a um campo religioso cada vez mais amplo.

Palavras chave: Assembléia de Deus, memória coletiva, biografia, pentecostalismo

RELIGION AND MEMORY: AFFIRMATION OF INSTITUTIONAL MEMORY OF THE ASSEMBLY OF GOD CHURCH IN BRAZIL

ABSTRACT: This work aims to reflect on the relationship between religion and memory in modernity, with the object of study the Assemblies of God, who in 2011 completed its first centennial. To this end, we discuss the concept of collective memory made by Halbwachs, when applied to the study of religion in modernity. Therefore we will study how the biographies of the founders of the church, the Swedes Daniel Berg and Gunnar Vingren, published by the official publisher of the church, fulfilled the function of establishing an official memory of the institution, to contribute to the consolidation of group identity in the broad field of religion.

Keywords: Assembly of God, collective memory, biography, Pentecostalism

Introdução

A Igreja Assembléia de Deus é a maior denominação protestante do país. Foi fundada em junho de 1911 em Belém do Pará e, em decorrência de seus cem anos de existência e do grande número de adeptos exerceu grande influência sobre outros grupos religiosos posteriores, assim como foi influenciada por estes.

A Assembléia de Deus pertence ao ramo do protestantismo conhecido como pentecostalismo, vertente em pleno desenvolvimento desde os primeiros anos do século XX. A distinção entre o pentecostalismo e as demais correntes do protestantismo está na ênfase ao episódio bíblico do derramamento do Espírito Santo no dia de pentecostes, relatado no livro de Atos dos Apóstolos¹ (FRESTON, 1994). Assim, enquanto no protestantismo há um forte apego à preservação da pregação e da ortodoxia do texto

* Doutorando em História pela UNESP /Assis. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Bacharel e licenciado em História. Contato: max.fajardo@yahoo.com.br

¹ O episódio do derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes (originalmente uma festa religiosa judaica) está registrado no segundo capítulo do livro de Atos dos Apóstolos (BÍBLIA, 1993).

bíblico, no pentecostalismo há uma busca pela repetição constante do pentecoste bíblico, o que faz com que a emoção tenha um lugar central no culto. Assim, a memória do pentecoste permeia o imaginário coletivo do grupo, garantindo que as ações religiosas e litúrgicas configurem-se em torno de elementos nascidos das representações sobre o dia de pentecoste, ou da memória coletiva deste evento.

Partindo da noção de memória como norteadora da identidade de um grupo religioso, pretendemos neste artigo trabalhar com a igreja Assembléia de Deus, que desde a década de 1950 agrega o maior número de pentecostais do país (FREESTON, 1994)². Nosso objetivo, no entanto, não será observar a memória da instituição apenas em seus aspectos litúrgicos e doutrinários, mas principalmente em seus aspectos políticos e institucionais. Tal proposta se evidenciou de maneira particular durante o ano de 2011 quando foi comemorado o centenário de fundação da denominação, oportunidade ideal para a apresentação de discursos sobre a “memória da Igreja” por parte de seus líderes. Tais discursos também indicavam a existência de uma memória religiosa coletiva em grande parte criada pelas estruturas de poder da igreja, e em parte nascida na própria dinâmica de crescimento popular da denominação.

Neste projeto de afirmação da história da denominação, as biografias dos fundadores da igreja, os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg cumprem um papel fundamental, principalmente quando se enxerga a biografia como uma “lição de vida, que vale para todos os tempos” (REVEL, 2010, p. 239).

Para trabalhar com o conceito de memória coletiva, utilizaremos as idéias de Maurice Halbwachs, principalmente aquelas discutidas em sua obra mais conhecida, *A memória coletiva*, publicada em 1949. Assim, pretendemos trazer um esboço de sua teoria da memória coletiva para posteriormente aplicá-la ao caso da Igreja Assembléia de Deus.

Memória e religião na modernidade

Maurice Halbwachs (1877 – 1945), discípulo da escola durkheimiana, produziu importantes trabalhos na área da sociologia da memória. Seu texto de maior destaque é a obra póstuma *A memória coletiva*, publicada em 1949, que propõe e discute a precedência da memória social sobre a memória individual, contrapondo-se à tradição filosófica que prioriza a memória individual sobre a coletiva. Tal tradição remonta aos escritos de Agostinho, passando por Locke e Husserl, que relacionam a memória

² Segundo dados do Censo 2000, 45% dos pentecostais brasileiros declaravam-se assembleianos. Em números absolutos, somavam 8.418.140 fiéis.

individual à própria identidade do sujeito.

Halbwachs não apenas pressupõe a superioridade da memória coletiva sobre a individual, mas chega a negar a existência de uma memória genuinamente individual. Para ele, todas as nossas lembranças são geradas a partir da interação com um meio social específico. Na realidade, temos a ilusão de sermos detentores de nossas lembranças. Como o peixe que enquanto está na água não tem consciência que sua vida depende dela, nossa consciência se ilude com a idéia de que criou sozinha as suas próprias lembranças. Para Halbwachs nunca estamos sozinhos, ainda que fisicamente estejamos isolados de outras pessoas, já que

nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p.30)

Halbwachs exemplifica sua tese contando a ilustração do viajante solitário em Londres. Apesar de sozinho, ao passar pelos diferentes monumentos expostos na capital britânica, o viajante traz a memória professores, pintores e romancistas que no passado lhe transmitiram impressões sobre a cidade. É como se caminhasse com eles enquanto anda pelas ruas.

Vale a pena ressaltar que o contexto de produção científica de Halbwachs é permeado pela tensão nos debates sociológicos entre o individual e o coletivo (SCHMIDT, 2006). Assim, fiel à escola durkheimiana, Halbwachs faz questão de apresentar a memória como um fato social. Além da superposição do coletivo sobre o individual, também propõe uma oposição clara entre memória e história:

Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto subsiste uma lembrança, é inútil fixá-la por escrito ou pura e simplesmente fixá-la. A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam alguma lembrança (HALBWACHS, 2006, p. 100-101)

Desta forma, a história marca uma descontinuidade na preservação da memória social. Quando a memória coletiva já não é capaz de resgatar por si própria os elementos do passado, só então nasce a necessidade de escrever e publicar uma história.

A ligação a uma memória coletiva garante nossa aproximação com a identidade de um grupo. Quanto mais distantes estivermos das experiências e do convívio com determinado grupo, menor o número de lembranças que dele reteremos. Assim, a memória coletiva tem um forte vínculo com a nossa identidade social. Nas sociedades modernas, pertencemos a um número cada vez maior de grupos, que geram uma pluralidade de memórias:

A pluralização extrema prende o indivíduo a pequenas memórias cada vez menos coesas entre si. A pertença individual aos grupos torna-se cada vez mais funcional e técnica e cada vez menos vinculada à memória orgânica e organizadora. (...) Esse fenômeno evidencia a fragilidade das identidades individuais que não são exclusivas, duram menos e se constituem sem o apoio das grandes tradições (BARRERA RIVERA, 2001, p.33)

O campo religioso é uma das esferas sociais onde fica evidente o papel da tradição na constituição da identidade coletiva. A memória da crucificação de Jesus, por exemplo, atravessou milênios garantindo identidade à religião cristã.

Ao discutir a dinâmica da memória nas instituições religiosas na modernidade, Hervieu-Léger (2006) retoma o conceito de memória a partir de Halbwachs. Para a autora, observadora das novas formas assumidas pela religião desde as últimas décadas do século XX, as sociedades modernas favorecem uma religiosidade dispersa e instável, haja vista a dinâmica intensa do movimento e do imediatismo característica de nosso tempo. Neste quadro, as religiões enfrentam uma dificuldade em transmitir a suas tradições às próximas gerações, o que abre espaço para o surgimento de um novo tipo de religiosidade, mais distante de uma tradição legitimada por uma instituição e mais próxima das convicções individuais.

No entanto, ainda que permeada pelo processo de reconfiguração da religião na modernidade, a memória coletiva continua a exercer um papel central neste debate, haja vista ser o elemento que garante a sustentação das formas religiosas em uma sociedade cada vez mais avessa à memória e mais compromissada com o imediatismo. (HERVIEU-LÉGER, 2005)

A fragmentação religiosa moderna aparece de forma bastante clara no pentecostalismo brasileiro, em que o número de denominações multiplica-se exponencialmente³. O campo religioso pentecostal apresenta numerosos agentes, as

³ Em pesquisa realizada entre os anos de 2009 e 2010, foram encontradas 60 diferentes denominações pentecostais, espalhadas em 164 diferentes locais de culto em um bairro da periferia de São Paulo com

diferentes denominações, que apesar de compartilharem de uma memória coletiva comum, travam uma batalha concorrencial pela conquista de espaço neste campo.

Nesta batalha, a reafirmação de uma memória institucional é uma das ferramentas utilizadas na tentativa de fomentar uma identidade de determinada denominação em contraposição aos demais agentes deste campo. A seguir, perceberemos como a igreja Assembléia de Deus brasileira, preocupou-se com o registro de uma história institucional, justamente no momento em que a memória coletiva de suas origens fundadoras corria o risco de dissipar-se em virtude do surgimento de outros agentes no campo religioso.

Síntese Histórica da Igreja Assembleia de Deus

A Igreja Assembléia de Deus foi fundada em Belém do Pará em 1911 por dois missionários suecos de procedência batista: Gunnar Vingren e Daniel Berg. Apesar da origem sueca, Vingren e Berg vieram dos Estados Unidos em direção ao Brasil em 1910. Haviam migrado para a nação estadunidense em busca de emprego em consequência da crise sueca no início do século XX. Foi nos EUA que se conheceram e tomaram contato com a doutrina pentecostal, que tomou grande impulso nesta época em consequência dos movimentos liderados por Charles Parham (em Chicago) e Wiliam J. Seymour (em Los Angeles)⁴. Impulsionados por tal doutrina e movidos pelo desejo missionário, Berg e Vingren seguem para o Brasil (CONDE, 1960; ARÁUJO, 2007). Fiéis a sua denominação, embora sem sua cobertura financeira, Berg e Vingren apresentam-se na igreja batista de Belém. Ao iniciarem suas pregações, o confronto com a liderança seria inevitável, o que culminaria com o desligamento dos dois missionários junto a mais 18 membros batistas. Vingren e Berg, sem nenhum tipo de cobertura financeira e/ou institucional, passam a realizar cultos nas casas dos antigos membros da igreja batista, de onde nasce o gérmen da Assembléia de Deus, criada inicialmente com o nome Missão da Fé Apostólica em 18 de junho de 1911.

Em 1914, Berg viajou para a Suécia e firmou um acordo com seu amigo de infância Lewi Petrus, pastor da Igreja Filadélfia de Estocolmo⁵. A partir daquele ano, Berg e Vingren passaram a estar inscritos no rol de missionários da igreja (ARAÚJO,

aproximadamente 70.000 habitantes (cf. FAJARDO, 2011).

⁴ Muito embora a liderança de Seymour tenha alcançado maior repercussão, por ser este um líder religioso negro em um contexto de segregação racial, Berg e Vingren tomaram contato com o movimento pentecostal estadunidense por intermédio de Pahrán.

⁵ A Igreja Batista Filadélfia de Estocolmo, pastoreada por Petrus, foi excluída da Sociedade Batista Sueca em 1913 transformando-se em Igreja Filadélfia, de orientação pentecostal (PETRUS, 2004, p. 124-127)

2007), que a partir de 1916 enviou outros missionários para o Brasil, sendo o primeiro deles Samuel Nystron, futuro sucessor de Vingren na direção da igreja em Belém.

A atuação dos missionários suecos marcou o período de crescimento da Assembléia de Deus no Norte e Nordeste do país e a formação dos primeiros pastores brasileiros. O fim do ciclo da borracha no Pará e conseqüente retorno dos migrantes seringueiros para suas regiões de origem permitem que a igreja se espalhe por novos estados da federação (ALENCAR, 2010). Em 1914 a igreja já estava em três estados do nordeste e em 1923 chegaria ao sudeste do país.

Uma data importante no processo de institucionalização da igreja acontece em 1930 quando é criada a Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB), por iniciativa dos pastores brasileiros. A primeira assembléia geral acontece em Natal, RN, onde fica decidido que os pastores brasileiros ficariam responsáveis pelas igrejas do norte e nordeste, enquanto os missionários estrangeiros se responsabilizariam por novas igrejas a serem abertas no sul e sudeste brasileiros.

Quanto aos fundadores, Vingren faleceu na Suécia em 1933 aos 52 anos de vida, não acompanhando o período de maior crescimento da igreja. Já Berg faleceu em 1963 aos 79 anos, mas nunca ocupou nenhuma posição de destaque na hierarquia da instituição. Também morreu em sua terra natal.

É difícil falar hoje de uma Igreja Assembléia de Deus, já que os oito milhões de assembleianos estão distribuídos em diversos ministérios⁶, que embora na maioria das vezes guardem uma base doutrinária comum, são independentes administrativa e eclesialmente, muitos deles com convenções próprias. A principal destas convenções continua sendo a CGADB cujo atual presidente, pastor José Wellington Bezerra da Costa, também dirige o maior ramo da denominação, o Ministério do Belém (assim nomeado por ter sua sede no bairro paulistano de mesmo nome)⁷. A maior dissidência aconteceu em 1989, quando o Ministério de Madureira (com sede no Rio de Janeiro, porém com igrejas espalhadas por todo o país) é desligado da CGADB, nascendo a partir de então a CONAMAD (Convenção Nacional dos Ministros da Assembléia de Deus – Ministério de Madureira) presidida pelo atual bispo e deputado federal Manoel Ferreira. Atualmente há diversas convenções no país, cada qual com

⁶ Normalmente, na Assembléia de Deus o nome usado para designar uma igreja-sede e suas congregações é setor ou campo, enquanto Ministério é um conjunto de campos ou setores independente administrativamente, normalmente com convenção e presidência própria.

⁷ Há diversos ministérios independentes que, no entanto, estão ligados à CGADB, sendo o ministério do Belém o principal deles.

características peculiares.

Desta forma, falar da Assembléia de Deus é falar

de um grande “guarda-chuva” de comunidades pentecostais distribuídas nos chamados “ministérios” e convenções e que desenvolvem uma variedade enorme de pentecostanismos, desde os que primam por uma formação teológica razoável, até aos que se opõem à educação formal, desde os modelos mais autoritários, até as poucas experiências de governo congregacional efetivo. Há pentecostais conservadores, no sentido de acharem que estão zelando pela preservação de suas marcas de origem, mas há aqueles que se julgam pós-modernos, em que pese a confusão que este conceito encerra (BAPTISTA, 2007, p. 32).

A formação de uma memória institucional na historiografia da igreja.

Em 1940 o Brasil passava pela ditadura do Estado Novo, instaurada três anos antes pelo presidente Getúlio Vargas. Uma das medidas do governo federal foi a criação do D.I.P (Departamento de imprensa e Propaganda), responsável pela supervisão do conteúdo veiculado pelos meios de comunicação. Com a proibição da circulação de jornais que não pertencessem às pessoas jurídicas, a Assembléia de Deus viu-se obrigada a criar a Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD), com intuito de ser responsável pelo Mensageiro da Paz, jornal oficial e nacional da denominação, criado em 1930. Além da produção do jornal e de variados títulos do mercado literário evangélico, a CPAD também foi responsável pela publicação dos livros com a história oficial da instituição.

A primeira vez em que a denominação preocupou-se com o resgate de sua própria história aconteceu em 1959, por ocasião das comemorações do cinquentenário da Assembléia de Deus no Brasil, que aconteceria dois anos depois. Assim, o cinquentenário da AD marcou o início de uma linha historiográfica que estabeleceu a “memória oficial da igreja”, elegendo fatos, personagens e locais como protagonistas da edificação do movimento pentecostal assembleiano no início do século passado. De lá para cá, diversas literaturas têm sido produzidas pela igreja, como as biografias dos fundadores e dos primeiros líderes. Assim, em 1960 foi publicada a História das Assembléias de Deus (CONDE, 1960), que na década de 80 foi reorganizada e reescrita (ALMEIDA, 1982). Em 1997, em consequência do 2º Congresso Mundial Pentecostal, organizado pela AD, foi produzida uma terceira história (OLIVEIRA, 1997). A quarta versão surge em 2011, sob o título 100 acontecimentos que fizeram a História da Assembléia de Deus no Brasil em comemoração ao centenário da denominação

(ARAÚJO, 2011a). Há também o livro 100 mulheres que fizeram a história das Assembléias de Deus no Brasil (ARAÚJO, 2011b), também lançado no centenário e História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (DANIEL, 2004), lançado em 2004 e que retrata o período a partir de 1930, que marca o início da institucionalização da igreja, com a criação da sua convenção.

Além das histórias oficiais organizadas pela CPAD, a publicação de biografias e autobiografias de alguns dos antigos líderes da igreja complementam o projeto de afirmação da história oficial da denominação. Foram publicadas biografias dos missionários suecos Nils Tarenger (STEIN, 2002), Samuel Nystron (NELSON, 2006), Nels Nelson (NELSON, 2001), Gustavo Bergstron (HOOVER, 2002), além das autobiografias do pastor brasileiro Alcebíades Pereira Vasconcelos (VASCONCELOS; LIMA, 2003) e do pastor sueco Lewi Petrus (PETRUS, 2004). No entanto, nosso interesse particular neste trabalho está voltado para as biografias dos dois fundadores da igreja, Daniel Berg e Gunnar Vingren.

O livro Diário de um pioneiro (VINGREN, 2007) reúne trechos de vinte e cinco diários deixados por Gunnar Vingren nas duas primeiras décadas de expansão da igreja. A seleção foi organizada e comentada por seu filho Ivar Vingren. Já Enviado por Deus (BERG, 2000) reúne textos atribuídos a Daniel Berg. As duas publicações alcançaram respectivamente a 10ª e a 14ª edição pela CPAD. Em 2011, ano do centenário da AD brasileira, as biografias foram relançadas em edições comemorativas.

Quanto à biografia de Berg, há indícios para se acreditar que não se trata de uma autobiografia. Alencar observou que

[Daniel Berg] sempre esteve alijado de todo o processo e, segundo testemunhas, nunca dominou a língua portuguesa. Ele tinha pouco estudo e talvez fosse analfabeto. Afinal, conforme ele mesmo disse, queria “servir ao Senhor com sua força física” [...]. Sua biografia ressalta muito a sua condição de evangelista, de colportor. Diversas pessoas que entrevistei lembram que ele apenas dizia: “Jesus salva”, “Jesus é muito bom, irmãos”, e nunca conseguia articular frases ou conceitos complexos. (2006, p. 8-9)

Embora o subtítulo da obra seja memórias de Daniel Berg, podendo-se tratar apenas da transcrição de seus relatos orais, todo o livro é escrito em primeira pessoa, não aparecendo em nenhum momento o nome do responsável pelo texto, embora Alencar (2006) o atribua ao filho de Daniel, David Berg.

O centro das duas narrativas biográficas está no episódio do cisma na igreja Batista de Belém do Pará, quando os dois missionários juntos a treze membros da igreja

batista rompem com a denominação e fundam a Missão da Fé Apostólica, que sete anos depois receberia o nome de Assembléia de Deus. Assim, a história dos dois rapazes suecos que se conhecem nos EUA e que motivados por uma profecia decidem partir para um país desconhecido, onde encontram um pastor também sueco que lhes indica a igreja Batista da cidade, conseguiu incorporar-se à memória coletiva da denominação, ganhando destaque como evento fundador da igreja, especialmente nos eventos relacionados ao centenário da Assembléia de Deus em junho de 2011, com direito a encenações teatrais e letras musicais escritas especialmente para a ocasião. Em um campo religioso-institucional com grande quantidade de agentes, como acontece com as igrejas pentecostais, a consolidação de uma memória coletiva é um dos caminhos para o fortalecimento de uma identidade religiosa institucional, cada vez mais fraca no contexto urbano-industrial.

Vale a pena destacar que as primeiras edições das biografias dos fundadores foram publicadas na década de 1970, mais de dez anos após a morte de Berg e quatro décadas depois da morte de Vingren. Nesta época a igreja, já cinquentenária, começa a assistir o crescimento de outras denominações pentecostais nos centros urbanos brasileiros, como a Igreja Pentecostal Deus é Amor, Igreja do Evangelho Quadrangular e Brasil para Cristo (FREESTON, 1994). Neste sentido, as biografias contribuem para a consolidação de uma memória coletiva e consequente afirmação identitária do grupo em um campo com novos e diversos agentes. Assim, os relatos das experiências cotidianas de Vingren e Berg, em grande parte suas impressões sobre cultos em que participaram e relatos de viagens pelos estados do Brasil e pelas comunidades ribeirinhas da Amazônia, transformam-se em registros épicos das origens da Assembléia de Deus.

Da mesma forma que a biografia dos fundadores contribui para o estabelecimento da identidade do grupo, a vida do biografado é contada a partir da “filosofia da identidade que o sustenta” (BOURDIEU, 1998, p.188). No caso, o destemor característico do missionário ideal é ressaltado a cada novo evento registrado, mesmo nos acontecimentos anteriores à atuação missionária. No caso da biografia de Berg, até mesmo eventos que remontam à sua infância inserem-se na lógica biográfica de sua vocação missionária:

...o padre dizia que a criança que não fosse batizada por ele jamais sairia de Vargon. Pois bem: eu não fui batizado por ele e saí da cidade. Já naquele tempo pude observar a desvantagem de o povo ter uma fé dirigida, sem liberdade. A religião que dominava minha cidadezinha e arredores impossibilitava as almas de terem um encontro com o Salvador (BERG, 2000, p. 13)

Como argumentado por Bourdieu, os relatos biográficos por vezes alimentam a ilusão de que “a vida constitui um todo, um conjunto orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção subjetiva e objetiva’” (BOURDIEU, op. Cit, p.184). No entanto, a reconstrução do contexto social, político e econômico em que se deram as ações de Vingren e Berg nos permitem vislumbrar seu universo de escolhas, a começar pela saída da Suécia, que seguiu a tendência de mais de um milhão de pessoas que, atingidas pela estagnação econômica de seu país, emigraram para os EUA entre 1870 e 1920 (FREESTON, 1994:, p.76), sem contar o fato de terem conhecido o pentecostalismo em Chicago, a cidade em que o movimento mais cresceu em suas primeiras décadas. Desta forma, a sucessão de acontecimentos que trouxe os missionários ao Brasil não obedeceu a uma lógica pré-definida por ambos. O mesmo pode ser dito com relação à fundação da nova igreja, já que Berg e Vingren apenas rompem com a Primeira Igreja Batista de Belém quando não vêem mais possibilidades de conter a cisão. (ARAÚJO, 2007)

Considerações finais

O campo religioso brasileiro passou por diversas mutações nos últimos cem anos, especialmente em sua vertente pentecostal. O mundo moderno produz uma religiosidade muito mais ligada às convicções pessoais que à força de uma instituição (HERVIEU-LEGER, 2006). Sob este prisma devemos compreender o aumento das diferentes igrejas pentecostais, orientadas em crenças doutrinárias muito próximas ou idênticas a outras do mesmo grupo, mas totalmente independentes em aspectos administrativo-institucionais.

Desta forma, a multiplicação de novas denominações pentecostais, que conquistam cada vez mais espaço no campo religioso brasileiro, faz com que as igrejas mais antigas, como a Assembléia de Deus, reforcem elementos constitutivos de sua história. Neste contexto, a recuperação de uma memória coletiva atende aos objetivos da denominação no que diz respeito a reafirmar sua posição de denominação pentecostal mais antiga do país, detentora de uma “memória autorizada”, de uma tradição centenária. Assim, busca-se na constante reprodução das biografias dos fundadores uma ferramenta na tentativa de criar uma identidade institucional nos membros da denominação, aproximando-os assim de uma memória centenária, distinta daquela oferecida pelos outros agentes do campo.

Referências

ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembléia de Deus: origem, implantação e militância*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALENCAR, Gedeon Freire. *Construção, desconstrução e reconstrução de heróis missionários: um estudo de caso sobre Daniel Berg e Gunnar Vingren, missionários fundadores da Assembléia de Deus no Brasil*. Anais do XI Congresso da ALER - *Mundos religiosos: identidades e convergências*. Umesp: São Bernardo do Campo, 2006. CD-ROM

ALMEIDA, Abraão de. *História das Assembléia de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

ARAÚJO, Isael. *100 acontecimentos que marcaram a história das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011a.

ARAÚJO, Isael. *100 mulheres que fizeram a história das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011b.

ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. *Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: a presença da Assembléia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999-2006)*. Tese de doutorado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

BARRERA RIVERA, Paulo. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo na América Latina*. São Paulo: Olho d'Água, 2001

BERG, Daniel. *Enviado por Deus. Memórias de Daniel Berg*. 8 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Edição revista e atualizada no Brasil.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. in FERREIRA, M e AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. 6 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1960.

DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Pentecostais, migração e redes religiosas na periferia de São Paulo: um estudo do bairro de Perus*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião – Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2011.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro in ANTONIAZZI, Alberto. Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HERVIEU-LÉGER, Daniëlle. La religion, hilo de la memoria. Barcelona: Herder, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Daniëlle. O peregrino e o convertido. Petrópolis, Vozes, 2006.

HOOVER, Thomas Reginald. Gustav Bergstrom: herói anônimo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

NELSON, Samuel. Nels Nelson: o apóstolo pentecostal brasileiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

NELSON, Samuel. Samuel Nystron: pioneiro do ensino pentecostal em escolas bíblicas. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

OLIVEIRA, Joanyr de. As Assembléias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

PETRUS, Lewi. Lewi Petrus – Biografia. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

REVEL, Jacques. História e Historiografia. Exercícios críticos. Curitiba: Editora da UFPR, 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória. Estudos Ibero-Americanos. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v. XXXII, n. 1, junho de 2006. p. 85-97.

STEIN, Luciano. Nils Tarenger: um coração missionário no sul do Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

VASCONCELOS, Alcebíades Pereira; LIMA, Hadna-Asny Vasconcelos. Alcebíades Pereira Vasconcelos: estadista e embaixador da obra pentecostal no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

VINGREN, Ivar. O diário do pioneiro: Gunnar Vingren. 13 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

RECEBIDO EM 08/04/12

APROVADO EM 25/05/12